



UNICAMP

P41.14

EVENTO: Ballet de Lyon
 Apresentação de Romeu e Julieta
 VEÍCULO: Jornal do Brasil
 DATA: 01 de setembro de 1993
 PÁGINA: 07
 SEÇÃO: Caderno B



Romeu e Julieta no século 21

Divulgação

O Balé da Ópera de Lyon se apresenta neste fim de semana no Teatro Municipal com uma revisão do grande clássico de Shakespeare

N O futuro, Romeu e Julieta não mais se encharcam na água com açúcar da trama original. Nem em venenos bentos. Não há conflito familiar. Há luta de classes. E na tentativa de manter o romance impossível, o casal shakespeareano se utiliza do *vêu cataléptico* — objeto que dá a aparência de morte a quem o usa e o retorno à vida para quem o tira. Uma ousadia em comparação às montagens mais conhecidas deste clássico.

“O que a gente recebe de uma obra feita há muitos séculos? A releitura é permanente e importante. A única diferença é o grau de radicalismo nesta mudança. Eu prefiro os que mudam radicalmente aos que apenas limpam um pouco a poeira para não assumir riscos”, diz Yorgos Loukos — diretor do Balé da Ópera de Lyon, que apresenta *Romeu e Julieta* neste fim de semana no Teatro Municipal.

O grego Yorgos Loukos é codiretor da companhia há seis anos e há dois está sozinho na direção do Balé de Lyon. Fundada há mais de 20 anos, a companhia tem formação clássica e, no seu repertório, combina peças contemporâneas com novas versões de clássicos consagrados. “Os nossos bailarinos trabalham com coreógrafos contemporâneos. Isso significa uma segunda formação para eles. É daí que vem a versatilidade do grupo”, explica Loukos, que chega ao Rio depois de apresentar o espetáculo em São Paulo, e segue depois para Curitiba, Brasília, Salvador e Santos.

A turnê brasileira, promovida pela Associação Francesa de

Ação Artística e pela Aliança Francesa, traz a companhia completa. São 30 bailarinos e mais doze pessoas da equipe técnica e direção, tendo à frente Pascale Doye e Nathalie Delassis se revezando no papel de Julieta e Nicolas Dufloux e Philippe Lormeau interpretando Romeu.

Eles se apresentam nesta sexta e sábado, às 21h, e domingo, às 19h. No Teatro Municipal, os cariocas poderão perceber como uma história tão conhecida como *Romeu e Julieta* ganha um novo interesse na concepção do Balé da Ópera de Lyon. Com direção musical de Kent Nagano, a coreografia criada há três anos por Angelin Preljocaj — polonês de 46 anos, marcado pela corrente minimalista dos Estados Unidos — mixa a partitura de Prokofiev e o drama de Shakespeare criando um espetáculo futurista que se desenrola num estado totalitário e robotizado. Um efeito que o jornal parisiense *Le Figaro* definiu como “um meio termo entre *Metrópolis*, de Fritz Lang, e 1984, de George Orwell”.

Nesta concepção, a história se passa num futuro não determinado, num país de regime totalitário do Leste Europeu. O conflito não se dá mais entre duas famílias da mesma nobre classe. A família de Julieta pertence à elite, à *nomenklatura*, e a de Romeu é dos *homeless*, os sem-teto. “Essa diferença de classes é que impede a realização do amor entre os dois jovens. Outra mudança ocorre em relação ao destino de Tybalt, que morre no início da história original. “Ele fica até o fim como o inspirador do crime porque, vindo da classe dirigente, não suporta que Julieta caia nos braços de um marginal”, conta o diretor da companhia Yorgos Loukos.



O Balé da Ópera de Lyon apresenta sua versão amarga e futurista de Romeu e Julieta, de sexta a domingo, no Municipal

Quadrinhos inspiraram o espetáculo

A origem do universo futurista concebido pelo coreógrafo Angelin Preljocaj para o clássico de Shakespeare é, no mínimo, curiosa. “Ele inspirou-se na atmosfera dos quadrinhos de Enki Bilal”, diz o diretor do Balé da Ópera de Lyon, Yorgos Loukos. O iugoslavo Enki Bilal é um dos mais conceituados quadrinistas do mundo.



O figurino de Julieta no traço do iugoslavo Enki Bilal

Nasceu no pós-guerra e seu trabalho não escapou disso: meio depressivo, supersombrio, cheio de conotações políticas — um universo de destruição.

São características que estão presentes neste *Romeu e Julieta*, que tem figurinos e cenários de Bilal. “A história toda se passa nesse universo, que tem um peso arquitetônico enorme. O cenário pesa como um edifício militar, algo que tem também referências mitológicas”, tenta definir Yorgos Loukos.

Não é a primeira experiência de Bilal no setor. Aos 32 anos, ele — além dos quadrinhos — já passou pela publicidade, produziu em 1989 o filme *Bunker Palace*

Hotel e estreou no teatro com os cenários de *La vie est un roman*. Para o Balé da Ópera de Lyon, Bilal criou um cenário que só pode se apresentar em palcos de grandes dimensões. Em cada espetáculo, de uma hora e meia sem intervalo, são utilizados 60 quilos de gelo seco. No lado esquerdo do palco, onde se situa a família marginalizada de Romeu, está um ambiente destruído que, na opinião de Loukos, se assemelha “ao submarino de Julio Verne ou ao ambiente de *Alien*, com seus tons escuros”. À direita, onde transita a família de Julieta, o cenário reproduz o Muro de Berlim — onde cai o sonho romântico do casal de apaixonados. (D.M.)